

Entrevista com Bernard Chervet*

Entrevista concedida pelo psicanalista Bernard Chervet em 06 de agosto de 2014, na sala Santiago Wagner, à comissão editorial da Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre: Denise do Prado Bystronski, Magali Fischer, Tula Bisol Brum, Emmanuelle Chervet, Bernard Chervet, Luciane Falcão, Suzana Iankilevich Golbert, Karem Cainelli e Lúcia Thaler.



* Presidente da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP).

RP – *Para conhecê-lo um pouco, gostaríamos que você nos falasse de seu percurso pessoal e profissional, dos aspectos que você considera mais importantes em sua formação analítica, das influências recebidas dentro e fora da psicanálise. Em suma, conte-nos um pouco como seu percurso o transformou no psicanalista que é hoje.*

Bernard Chervet – É impossível dar uma resposta completa a essa pergunta. Não vou contar toda a minha história. Mas a história pessoal é importante; minha história pessoal certamente me levou para a psicanálise, ou seja, me levou a um interesse muito grande pela vida mental, à necessidade de pensar. É incontestável que isso tem suas raízes na minha infância.

Iniciei meus estudos de medicina aos 17 anos, sem estar completamente interessado de imediato. Eu havia descoberto Freud pouco antes de ingressar na medicina. Houve, portanto, um duplo movimento inicial: um interesse pela psicanálise com a descoberta dos livros de Freud, que foi espontânea. Só para contar uma curiosidade, descobri as obras de psicanálise na biblioteca da minha irmã, um ano mais velha. Como eu dizia, meu interesse através da minha irmã pela obra de Freud foi imediato assim que comecei a lê-lo. Ao mesmo tempo, comecei medicina, e os estudos médicos me decepcionaram muito. Então foram dois movimentos: um grande interesse pela psicanálise e uma grande decepção com os estudos médicos. E foi essa descoberta de Freud que me fez pensar que eu poderia me tornar psiquiatra. Eu consegui, então, suportar facilmente a medicina porque minha perspectiva era ser psiquiatra e psicanalista. Encarei de forma prática esses estudos. Paralelamente, fiz faculdade de psicologia durante 4 anos. Depois, logo que passei no concurso para a residência em psiquiatria, decidi fazer análise e fui fazê-la em Paris. Desde então trabalho em Lyon e em Paris.

Depois desse primeiro interesse na juventude e na adolescência, outro aspecto fundamental foi a análise. Realizei uma longa análise de 17 anos com o mesmo analista. Fiz minha formação durante esse período: eu já havia completado mais ou menos dez anos de análise quando ingressei na formação. Continuei a análise durante esse período de formação e, mesmo depois de terminá-la, mantive-me em análise por mais 2 ou 3 anos. Posso dizer, então, que tudo isso aconteceu de maneira paralela e não sucessiva. Foram dois processos imbricados.

Eu aprecio muito o pensamento de Freud, leio-o e releio-o com frequência. Defendi minha tese com base em muitos autores psicanalíticos que vocês todos conhecem, todos eles grandes autores, mas sigo relendo Freud. E, como para qualquer analista, o importante depois é o confronto com os pacientes, as

patologias, as dificuldades de alcançar mudanças, tudo o que envolve a dificuldade de nosso trabalho de fazer com que o paciente evolua. A evolução do paciente é sempre uma questão essencial. Paralelamente a isso, eu reservo muito tempo para ler e escrever.

Uma vez que, desde as minhas origens familiares, seguimos uma linha muito independente, de profissionais liberais, que levam uma vida profissional bastante *solitária* por assim dizer, ao me tornar psiquiatra, nunca aceitei uma chefia em serviços de psiquiatria em hospitais. Trabalhei nesses serviços durante muito tempo como clínico, mas nunca aceitei um cargo de chefia.

Então, quando me tornei membro da SPP, eu nunca havia pensado em me envolver com a instituição. Foi uma analista didata, uma mulher mais velha, quando eu era ainda um jovem membro da sociedade, que praticamente me forçou a me candidatar para o conselho administrativo. Ela insistiu tanto que acabei aceitando, mesmo assim dando uma gargalhada e dizendo que aquilo não era para mim, que eu queria mesmo era ler e escrever e não me ocupar da instituição.

Acabei por ser eleito e, desde então, nunca deixei de me envolver com a SPP. Fui eleito há mais de 20 anos para o *board* e depois passei por todos os cargos até me tornar presidente por dois mandatos. Dei-me conta aos poucos de que cuidar da instituição não era absolutamente incompatível com o meu trabalho, bem pelo contrário. Nunca tive o sentimento de não ter conseguido publicar algum trabalho por causa dela. Ao contrário, isso me levou o tempo todo a publicar mais, como se fosse um dever íntimo, mesmo exercendo minhas atividades institucionais. É um conflito, talvez uma necessidade minha, que me estimula a publicar, mas, sim, não deixa de ser um conflito. Em certos momentos, penso que me falta tempo para escrever, mas, ao mesmo tempo, isso me estimula a escrever. Penso também que é muito difícil defender a psicanálise sem percorrer os dois caminhos: a produção teórica e o apoio institucional. As duas atividades parecem convergir, unir-se, andar juntas mais do que se opor.

Outro aspecto que eu me esqueci de mencionar foi minha formação em psiquiatria infantil e da adolescência, no fim dos meus estudos de psiquiatria. Durante vários anos, então, mesmo quando eu já tinha meu consultório, segui trabalhando numa instituição onde eu atendia casos graves de crianças psicóticas ou autistas.

Durante toda minha formação psicanalítica, certamente muitos grandes autores franceses me influenciaram muito, sobretudo aqueles que se interessam pela metapsicologia e nela investem muito, o que, na França, é um aspecto importante.

RP – *Você pode citar alguns nomes?*

Bernard Chervet – Talvez sejam nomes que vocês não conheçam tão bem, pois muitos deles não publicaram em inglês, nem em português ou espanhol, nem mesmo foram traduzidos. Eu citaria Michel Fain, Denise Braunschweig, Francis Pasche, Serge Widerman. Eu li bastante André Green no final de sua vida, embora não fôssemos muito próximos. Quanto a Michel Fain, não devemos defini-lo como psicossomatista em primeiro lugar e sim como psicanalista, pois é a partir da psicanálise que ele vai desenvolver sua teoria em psicossomática. A psicossomática constituiu um lado do trabalho dele, mas, diferentemente de Pierre Marty, ele não se dedicou exclusivamente à psicossomática.

Como disse, Green e eu nos aproximamos no fim da vida dele. Trabalhamos juntos, ele vinha à minha casa, eu ia à casa dele. O trabalho com ele nesse período foi muito importante, mas não foi uma das minhas identificações psicanalíticas. Havia um grande respeito mútuo, eu o admirava muito, ele me respeitava muito, mas não era um vínculo filial. Não posso me definir como tendo sido um discípulo de Green, mas posso dizer que fui um colega, um colaborador de Green. Escrevemos um livro juntos, organizamos congressos, tivemos uma verdadeira colaboração no trabalho. Na SPP, é bem verdade, há pessoas consideradas discípulos de Green, que mantiveram com ele uma relação piramidal, mas este não é o meu caso. Éramos muito diferentes e concordávamos em trocar nossas ideias, mas não numa relação de pai e filho. A importância que atribuí, nos meus trabalhos, ao processo em duas fases da sexualidade humana, do funcionamento completo da psique humana (portanto, o *après-coup*), do pensamento em seu conjunto, não correspondia ao caminho de André Green. No entanto, ao mesmo tempo, ele concordava muito comigo.

RP – *Você poderia falar sobre isso? Como você mencionou o après-coup, gostaríamos de falar dele e também da diferença em relação ao conceito de André Green. Como você constituiu e expandiu essa noção de après-coup, em que você inclui as noções de imperativo de inscrição, regressividade extintiva, pulsão de morte? Para resumir, como você concebeu e desenvolveu a noção de après-coup? Você o pensa como estruturante do psiquismo?*

Bernard Chervet – Tudo está dito na pergunta. Interessei-me pelo modo como se constituiu o pensamento, ou seja, qual é a sua dinâmica. Desenvolvi progressivamente minha reflexão durante um tempo bastante longo para conceber que o próprio pensamento funciona conforme o modelo do *après-coup*, que, em

Freud, é mais reservado ao sintoma num primeiro tempo e à *bifasia* sexual. O pensamento humano exige uma oscilação; poderíamos dizer que ele é feito de dois movimentos simultâneos e que seguem em direções opostas. Ao mesmo tempo em que, num movimento, os investimentos se dirigem aos objetos, ao mundo, à percepção ou à objetividade, outro movimento continua existindo em nós, que é regrediente. Temos, então, um movimento progrediente e outro regrediente que se mantêm permanentemente, mesmo em vigília, e que são responsáveis por uma oscilação entre o polo diurno e o polo noturno. Esta dinâmica bidirecional é geradora do desejo humano e, uma vez responsável pelo desejo humano, é evidentemente também responsável por toda e qualquer produção humana.

O polo mais regressivo é o pulsional, que exige esse trabalho em dois níveis, em duas direções, dois tipos de trabalho do aparelho psíquico para a produção do desejo. O desejo aqui é tomado num sentido muito amplo, pois pode seguir na direção da vida sexual, da vida erótica, mas também pode orientar-se para o trabalho, a criatividade, a sublimação, abarcando todo o campo dos investimentos.

Dentro desta concepção, vocês devem ter percebido a importância tanto da noção de pulsão quanto daquela de trabalho psíquico. Em outras palavras, a vida mental é organizada por esse jogo entre pulsão e trabalho psíquico e não pela pulsão diretamente. Se houvesse apenas a pulsão, não haveria nada, nenhuma produção, desejo tampouco. Outro aspecto do que estou explicando remete a um dos primeiros livros de Freud que eu li, mesmo antes de *A interpretação de sonhos*, talvez juntamente com *Conferências introdutórias à psicanálise* e que me marcou já desde muito jovem: *Além do princípio de prazer*. Logo criei o hábito, que se mantém até hoje, de sempre pensar o início de Freud a partir do fim de sua obra. Penso muito pouco Freud numa perspectiva sucessiva, penso-o muito mais, mesmo que eu esteja lendo um texto do meio ou do início de sua obra, de forma retrógrada – já que temos a sorte de dispor da obra integral de Freud. O ponto de vista genético, que seria cronológico, é, então, completado por um ponto de vista retrógrado. Podemos assim repensar sua obra, sem considerar que o que veio depois seja melhor do que aquilo que foi produzido antes, e sim tendo em mente que a produção posterior permite melhor pensar a anterior, mas nunca descartá-la.

Eu nunca descarto nada na obra de Freud. Esta dinâmica em dois tempos pode ser aplicada ao trabalho íntimo de cada um, à teoria, à leitura, a todo o nosso funcionamento, eu a estendo ao funcionamento como um todo. Foi em grande parte em *Além do princípio de prazer* que eu encontrei a coerência desse modo de pensar. Descontentou-me provavelmente o fato de certos colegas recusarem essa parte da obra de Freud. No meu texto *Pulsões, vocês têm uma vida?*, eu parto da

ideia de que certas realidades da obra de Freud são realidades da psique e que estas são rejeitadas e geram polêmicas. As polêmicas se organizam em torno de certos aspectos da obra de Freud que correspondem justamente, para mim, a realidades da vida mental.

Então adotei desde muito cedo – não apenas como um modelo teórico, embora na minha teoria também, mas de um modo muito íntimo – a ideia de Freud de que a primeira qualidade da pulsão não é absolutamente a de pressionar a evoluir e sim de extinguir-se. Quando Freud apresenta sua nova ideia das pulsões em 1920, podemos pensar, em relação ao que ele disse em 1915 (*As pulsões e suas vicissitudes*), que ele concebe um enorme trabalho do aparelho psíquico. Se a tendência imediata da pulsão é a extinção, para que ela possa se tornar pressão, todo um trabalho psíquico é necessário para organizá-la como tal. E foi esse trabalho que me interessou em especial.

Compreendi, à minha maneira, que o duplo movimento do pensamento, esse *bifasismo*, está ligado a dois tempos de trabalho psíquico em relação a esse movimento extintivo primordial. Num primeiro tempo, é preciso retê-lo, opondo-se à extinção e inscrevendo a pulsão como pressão. Daí o imperativo de inscrição, que será posteriormente completado pelo trabalho psíquico, por exemplo, o sonho, o trabalho de representação, de fabricação de representações a partir dos investimentos de objeto, tudo isso constituindo outro trabalho. Os colegas que admitem facilmente a pulsão de morte aceitam meu ponto de vista. Entretanto, é mais complicado quando Freud diz que mesmo as pulsões de vida seguem exatamente a mesma lógica, tendendo também à extinção. Em certos momentos, Freud atribui às pulsões de vida uma tendência à extinção – e isso complica as coisas –, mas, em outros momentos, ele as define como tendo uma capacidade de preservar a vida. Tem-se aqui uma diferença entre André Green – que adota a definição de Freud segundo a qual as pulsões de vida preservam a vida – e a minha posição de que até mesmo as pulsões de vida, se deixadas por sua própria conta, tendem à extinção; para que estas se tornem vivas e criem a vida, elas precisam ser inseridas num trabalho psíquico. Em outras palavras, a obra de André Green está muito mais alicerçada na ideia do narcisismo. Enquanto o que eu proponho – muito mais modestamente do que toda a obra dele que é imensa – está muito mais baseado na terceira definição da pulsão dada por Freud. É claro que isso levanta discussões.

RP – *Continuando nessa linha da pulsão, no caso clínico de ontem, percebemos que você trabalha diretamente com a noção da pulsão e do trabalho*

psíquico. Gostaríamos de ouvi-lo sobre a possibilidade didática de compreender clinicamente esse trabalho psíquico pela pulsão da clínica.

Bernard Chervet – No plano clínico, para mim não é possível pensar a pulsão sem pensar o trabalho psíquico. A pulsão é totalmente inapreensível fora de seus efeitos pelo trabalho psíquico. Em contrapartida, podemos deduzi-la como sendo aquilo que, numa definição muito precoce de Freud, obriga a realizar um trabalho psíquico. Nosso trabalho de psicanalista consistirá, então, em possibilitar, em liberar ao máximo as capacidades de realização desse trabalho psíquico. Não se obtém nenhum efeito sobre a pulsão sem passar pelo trabalho psíquico. Quando se tem uma representação da pulsão, se está em pleno trabalho psíquico. A representação faz parte dele, como as emoções, a sensualidade, ou seja, o fato de que a pulsão só pode se dar a ver por intermédio de um objeto que a traduza, mas sem dizê-la diretamente.

É importante esclarecer que, para mim, o trabalho psíquico não se limita à representação. O trabalho psicanalítico também consiste em fazer com que o paciente possa sentir, o que envolve todo o campo do afeto, portanto o qualitativo. Além disso, algo muito importante – talvez devido ao trabalho da psicossomática na França – é que isso possa inscrever-se no corporal. Assim, é muito importante que a pessoa possa falar de suas sensações, no sentido daquilo que é experimentado a partir do interior e não a partir da sensorialidade externa, mas as vivências sensuais internas, ou seja, o modo como o corpo traduz as operações mentais. Para mim, esta é a definição do narcisismo primário: não um narcisismo de representação baseado nos objetos, mas um narcisismo pelo investimento do corporal. Um tratamento psicanalítico enriquece o pré-consciente em representações, objetos, mas também contribui para o enriquecimento em erogeneidade corporal, e a erogeneidade não se expressa apenas em termos de representação, ela é vivenciada nas relações com as representações de objeto.

De modo que não podemos limitar ou reduzir a psicanálise a uma ciência da representação, pois a inscrição pulsional pode ter vários destinos. Isso tem de ser trabalhado certamente por intermédio da linguagem, somente por intermédio da linguagem, mas sem perder de vista em sessão todas essas dimensões. Com a representação somente, correríamos o risco de escorregar para uma psicanálise representacional ou mesmo intelectual. Podemos dizer que o corpo erógeno é uma fabricação, um resultado do trabalho psíquico. Isso marca uma diferenciação em relação à psicanálise kleiniana, que considera a emotividade ou a sensualidade como primeiras.

Penso que, neste caso, estamos falando de esquemas ou tradições de pensamento que vão além da psicanálise e que estão ligados às diferentes correntes na história do pensamento: a filosofia britânica ou anglo-saxônica, a filosofia francesa, a filosofia alemã sobredeterminam o modo de pensar a psicanálise. Por isso, nossos encontros são importantes. A psicanálise é composta por tantos elementos diferentes provenientes de grandes teorias ou teorias que desenvolvem uma parte de verdade da psicanálise; é importante, então, uma confrontação de todas elas para que tenhamos um panorama completo.

A psicanálise francesa certamente desenvolveu muito – com Lacan, mas não somente ele – o campo das representações. A psicanálise inglesa desenvolveu uma psicanálise dita emocional, que também tem seu valor. E as correntes psicossomáticas talvez tenham resgatado o interesse – desenvolvido por Freud em 1924 com o masoquismo erógeno – pela coexcitação, ou seja, o fundamento da erogeneidade pelo trabalho psíquico. O erógeno é outro aspecto que considero tão importante quanto a representação e o emocional.

Não falei do lugar que eu reservo ao objeto em tudo isso, talvez tenhamos outra oportunidade para desenvolver este assunto.

Recebido em 27/10/2014

Aceito em 20/01/2015

Tradução de **Vanise Dresch**

Revisão técnica de **Magali Fischer**

Bernard Chervet

16 Rue Jacques Callot

75006 – Paris – France

39 Rue du Professeur Florence

69003 – Lyon – France

e-mail : bernard@chervet.fr

© Bernard Chervet

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA